



Sonho cantar para Mandela e Obama

Entrevista Laurinda Alves, fotos Kenton Thatcher

22

Quando não está em palco, longe das luzes, dos mistérios e fascínios que envolvem e prendem as multidões de fãs, é uma pessoa discreta com figura de menina. Fala devagar, sem pressas nem atropelos, pondera as questões e dá profundidade à conversa. Alegre mas grave, mantém uma atitude próxima e, ao mesmo tempo, meio-distante. Como se, de alguma forma, fosse intangível. Não faz de propósito, é assim naturalmente. Dizer que Mariza canta fado com uma voz única é dizer muito pouco. Mariza é, toda ela, uma mulher irrepetível e um talento sem igual. Dá gosto ouvi-la cantar, mas também ouvi-la falar de si, na primeira pessoa.

No seu tempo cabe tudo ou é mais o que fica por fazer em cada dia?

O que fica por fazer é sempre mais do que aquilo que consigo fazer.

Quando é que percebeu que tinha uma voz que podia explorar no sentido de poder viver dela?

Nunca tive essa percepção. A não ser agora, para aí nos últimos quatro anos da minha vida. Só agora começo realmente a perceber que as pessoas prestam atenção ao trabalho que faço, que gostam e tentam entender. Isso, para mim, é uma bênção! Poder cantar em alguns bares em Lisboa já era muito simpático mas, depois, veio um desafio maior e eu aceitei.

Quando é que foi a grande viragem profissional?

Quando fiz o primeiro disco: Fado em Mim.

Sentiu que olhavam para si como profissional, com mais expectativas?

Sabe que eu não tenho muita percepção de como é que as pessoas olham para mim ou deixam de olhar; se têm muitas ou poucas expectativas. Comecei a perceber que havia muitos pedidos para espectáculos e muitos convites para programas de televisão, entrevistas, desafios para cantar fora de Portugal e foi aí que percebi que qualquer coisa tinha mudado.

Fazendo uma leitura da sua própria voz e do seu próprio percurso, sente que tem a sorte de trabalhar no seu talento?

Sabe que eu nunca tive mais nada. Nunca estudei muito... não sou arquitecta, nem médica, nem jornalista, não sou nada. Sou formada pela vida.

Acredita sempre na sua música?

Não sei se acredito ou se não acredito o que eu sei é que não sei fazer mais nada.

Quando estou em palco dou aquilo que tenho. Se é bom ou mau, não sei, só quem ouve é que pode dizer se gosta. Eu não consigo dizer se é bom ou se é mau. No outro dia dizia uma amiga minha que o meu maior desafio seria um dia eu ver o meu próprio concerto. É uma coisa difícil de acontecer.

Quando vai ao Japão, por exemplo, onde a cultura e a percepção das pessoas é radicalmente diferente, sente essa diferença? Sente que as pessoas ouvem um Fado que nós não ouvimos?

Não consigo fazer esse separatismo de públicos. Aliás, nem gosto de chamar público aos espectadores. Gosto de lhes chamar amigos porque sinto que as pessoas que vêm ouvir a minha música, que se sentem atraídas pela sonoridade que eu faço, devem ser amigos. Não são estranhos...

A sua música comove, faz chorar, faz ficar mais alegre, faz ficar mais triste...

A nossa música, porque não é só minha. É nossa, é Fado. Apesar de neste momento já ter um cunho muito pessoal e uma personalidade muito própria, a base, a raiz de tudo o que faço é Fado.

As pessoas falam de si sempre de uma maneira hiperbólica. Adoram, vibram, dizem que é arrepiante ouvi-la cantar... Isso faz com que a sua música saia ainda mais da alma?

Isso para mim é voltarem a carregar as minhas baterias. No final de um concerto estou esgotada, cansada, porque dou tudo, não sei subir a um palco ou a uma taberna ou onde quer que seja e 'cantar baixinho'. Não sei fazer isso e, portanto, quando canto, é para dar tudo. Os sentimentos, as emoções, a voz, tudo o que eu puder dar.

Em tournée, o que lhe dá mais prazer?

Depois de um concerto, sentar-me com os músicos e os técnicos, todos juntos, a fazer uma grande algazarra, uma grande janturada. Bebermos uma grande taça de vinho tinto e estarmos ali todos à conversa. Dá-me imenso prazer.

O que é que aprendeu sobre si com esta vida?

Estou mais tranquila em relação às pessoas e a tudo. Por outro lado, estou mais exigente comigo e com os outros. Também tenho aprendido muito com artistas que nunca julguei conhecer.

Tais como?

O Chuchu Valdez, o Lenny Kravitz, o Sting... sei lá, são tantos! Mas não falo só de artistas da música, também falo de pintores, arquitectos, pessoas que tenho o maior prazer em conhecer. Tem sido um privilégio privar com algumas dessas pessoas porque me têm ensinado que quanto mais crescemos na vida, mais humildes temos que ser e mais respeito temos de ter pelo próximo.

Quando volta a casa canta?

Não.

Nem sequer canta no duche?

No duche canto, mas mal. No duche aproveito para experimentar todas aquelas coisas que não posso fazer em público. (risos)

Canta Michael Jackson ou canta as suas músicas?

As minhas músicas não! Canto outras coisas e aproveito para experimentar vozes e brincar. É no duche que eu aproveito para fazer essas coisas, porque em público não as posso fazer. As pessoas iam achar-me completamente louca. Diriam: «ela enlouqueceu, já não basta o cabelo...» (risos).

Voltando ao início da nossa conversa, à sua relação com o tempo, pergunto o que seria para si um tempo ideal?

Gostava que um ano tivesse o dobro do tempo. Para mim, um ano passa a correr.

Se contar com os concertos dos Coliseus do Porto e Lisboa que fechei no dia 1 de Novembro, já fiz 120 concertos este ano.

Actualmente qual é o seu maior sonho?

Tenho um grande sonho que tinha de ser concretizado a curto prazo: cantar para o Nelson Mandela.

Amava cantar para ele!

24

Ele adoraria saber isso com certeza.

Como moçambicana, como cidadã do mundo, como portuguesa, adoraria cantar para o Sr. Mandela.

Para si o tempo entre a infância e a idade adulta foi uma vertigem, ou sente que foi um tempo demorado?

Nem consigo calcular. Acho que teve tudo a sua hora, o seu tempo e o seu momento.

Que outros sonhos tem, além de cantar para o Nelson Mandela?

Se pudessem juntar o Mandela e o Obama, era ouro sobre azul! Dois prémios Nobel da Paz, dois homens que foram presidentes pela primeira vez de países onde a raça tem um papel super importante - o Mandela foi o primeiro presidente negro de África do Sul e Obama é o primeiro presidente afro-americano de uma super potência que é o Estados Unidos - se pudessemos juntar os dois, eu não me importava. (risos)

Se fosse voluntária, e porque o mundo não vive sem voluntários, qual era a sua área de voluntariado?

Que pergunta tão interessante. Há tantas coisas que eu gostaria de fazer como voluntária, mas é complicado porque não tenho tempo. Uma das situações que me deixam mais emocionada e até mais frágil, é quando vou aos hospitais e vejo pessoas abandonadas, sem visitas, sem alguém que lhes dê a mão ou um sorriso. Talvez gostasse de me dedicar a essas pessoas, a essa área.

Gosta de relógios?

Gosto muito de relógios.

E isso faz com que colecione relógios?

Vários amigos foram-me mostrando as suas colecções de relógios (principalmente o Herman José que tem uma colecção de relógios única) e fui-me apaixonando por relógios. Obviamente, não tenho, nem de perto, nem de longe, uma colecção dessas que mereçam uma grande atenção, mas gosto muito de relógios.

Qual é a pérola dos seus relógios?

A pérola dos meus relógios, neste momento, é este que estou a usar, que é um Jaeger-LeCoultre e que há muitos, muitos anos eu adoraria ter. Finalmente veio, está aqui no meu pulso, e estou muito feliz. Mas eu não uso os relógios só para ver horas. Para mim eles são o acessório que finaliza uma maneira de vestir, ou de estar. Tenho um relógio em casa que tem 100 anos. É super antigo, mas é o relógio que eu uso quando ponho um vestido de noite, quando tenho de ir a uma festa ou a um jantar.

Qual é a marca do seu relógio com 100 anos?

É um Zenith, muito antigo. De corda, velhinho, velhinho. Muito bonito.

O que é que os seus relógios dizem de si?

Muito. Eu, por exemplo, só gosto de relógios de homem.

Os de senhora são muito pequeninos (risos). Sou muito observadora e venho observando ao longo das minhas viagens o que é que as senhoras gostam de usar. Neste momento, os relógios estão muito na moda e, por vezes, nem ligamos ao que as pessoas trazem vestido: pode ter umas sabrinas, uma camisa branca e uns jeans, mas se tem um bom relógio faz toda a diferença. (risos).

Entrevista completa em www.espiraldotempo.com

